

Henrik Ibsen em Portugal: figuras, fascínios e renovações¹

Rui Pina Coelho

No final do século XIX, inícios do século XX, um pouco por toda a Europa, sente-se a urgência de um novo teatro. É o apelo de criadores como André Antoine, Paul Fort, Lugné-Pöe, Gordon Craig, Stanislavski ou de dramaturgos como Anton Tchekov, August Strindberg ou Henrik Ibsen.

Tudo é questionado: os processos de trabalho, a condição do actor, o repertório, a dramaturgia, a hierarquia de funções dentro da estrutura teatral, a relação com o mundo; em suma, o papel do próprio teatro. A tradição romântica tende a ser superada em prol do naturalismo teatral ou de um simbolismo que, embora concorrentes, partilham de um mesmo estímulo renovador. A linguagem teatral vai-se assim definindo e adquirindo uma especificidade em relação às demais expressões artísticas.

A Portugal este sopro renovador chega um pouco mais tarde... Em 1904, um grupo de jovens – entre os quais Araújo Pereira –, entusiasmados pela passagem do *Théâtre Libre* de Antoine por Lisboa, decide fundar o seu próprio *Theatro Livre*, criado com o objectivo de “dar rejuvenescimento e trazer uma nova e forte seiva ao teatro português [...] em face do rebaixamento e da decadência do teatro nacional” (apud PINHEIRO 1929: 109). Numa das conferências com que se inaugura a iniciativa, intitulada *Theatro Livre & Arte Social*, Ernesto da Silva traça os contornos da actividade do grupo referindo-se à nossa “tradicional preguiça mental” (SILVA 1902: 6) como um dos obstáculos a vencer, tomando como exemplo de um teatro de ideias a obra de Ibsen.

O teatro ibseniano, grandemente filosófico e esmerilhador da alma humana, reclama para seu entendimento alta contenção de espírito, entrechoque de ideias que têm de depurar-se por si mesmas na consciência individual e, importando por isso um singular esforço de cerebração, de prever é que não encontre fácil albergue na razão e na emotividade de uma raça essencialmente amante da linha e da côr e absolutamente despida – em sua expressão colectiva – do utilíssimo desejo de penetração à essência das cousas e dos factos. (*ibidem*: 6)

Henrik Ibsen vê-se assim associado, como presença tutelar, a um dos eventos mais singulares (ainda que efémero) da história do teatro português e a um dos momentos fundadores do novo teatro em Portugal (tal como estivera já associado aos repertórios do *Théâtre Libre* de Antoine, do *Freie Bühne* de Otto Brahm ou do *Théâtre d'Art* de Paul Fort, entre outros).

Contudo, aos palcos nacionais Ibsen chega através das *tournées* de algumas das grandes figuras românticas do teatro europeu, que traziam no repertório as personagens que consideravam sinónimo da sua própria importância e projecção. É assim que o actor italiano Ermete Novelli, em Setembro de 1895, no *Theatro do Príncipe Real* (Porto) e depois no *Theatro D. Amélia* (Lisboa), numa *tournee* dominada pela apresentação de textos de Shakespeare (*Hamlet*; *Othello*; *A fera domesticada*; *Shylock, o mercador de Veneza*), estreia em Portugal *Os espectros*. É também deste modo que Eleanora Duse apresenta em estreia mundial, no *Theatro D. Amélia*, a sua *Hedda Gabler*, em 1898, ou

¹ Agradeço a generosidade de Jorge Silva Melo que me facultou vários dados, curiosidades e outros achados, que em muito enriqueceram estas linhas.

que Ermete Zacconi, em 1901, apresenta *Os espectros*, suscitando uma acesa polémica em que intervieram escritores, críticos e médicos psiquiatras, incluindo Miguel Bombarda e Júlio de Matos.

Ainda em 1899, é Lucinda Simões que estreia *A casa da boneca* entre nós, com tradução de Cristiano de Sousa, protagonizado pela sua filha Lucília Simões. Estreado em Coimbra, já que nesta cidade “pela sua tradição de alta cultura humanista e idealismo poético da sua mocidade, melhor [se] compreenderia o que de estranho e perturbante tem a arte do norte” (CID 1918: 3), seguiria depois para Lisboa com sucesso já assegurado.

De novo em português, em 1900, apresenta-se *O inimigo do povo*, em tradução de Luís Galhardo, protagonizado por Luciano de Castro, e *O pato bravo*, numa versão de Sousa Monteiro, em encenação e interpretação de Ferreira da Silva para a Sociedade Artística do Teatro Nacional D. Maria II. Este texto, que não criará tradição nos palcos portugueses, só voltará a ser apresentado em Março de 1925, no Teatro Politeama, numa passagem por Lisboa da companhia de Jean Hervé.

Até então, o fascínio pelo teatro de Ibsen exercia-se mais pela reputação do autor e pelas potencialidades interpretativas das suas grandes figuras do que por um qualquer ímpeto de renovação teatral. Esse fascínio atravessará gerações e motivará memoráveis desempenhos de várias actrizes nacionais. Para além de Lucília Simões, lembremos Maria Lalande (*A casa de boneca*, Comediantes de Lisboa, 1947), as interpretações de Hedda Gabler por Dalila Rocha (TEP, 1961), Mariana Rey Monteiro (Cia. Rey Colaço-Robles Monteiro, 1972), Graça Lobo (Companhia de Teatro de Lisboa, 1986), Mafalda Vilhena (Companhia Teatral do Chiado, 1998), e Natália Luiza (*Casa de boneca*, Teatro da Politécnica, 1990) ou Carmen Dolores (*Espectros*, TEC, 1992).

Com efeito, só em 1947 se veria Ibsen associado a um projecto renovador: com *A casa de boneca*, pelos Comediantes de Lisboa, uma companhia dirigida por Francisco Ribeiro e António Lopes Ribeiro que inspirava grandes expectativas, numa altura em que se esboçava em Portugal um movimento de teatro experimental. Luiz Francisco Rebello afirma mesmo que os Comediantes seriam a única companhia profissional de onde se poderia esperar alguma coisa de positivo². No entanto, as intenções renovadoras deste grupo vão somente traduzir-se em algumas tentativas de abertura a novos repertórios e a algumas concepções estéticas mais apuradas do que as da mediania dominante. Manuela Porto, crítica atenta (e empenhada dinamizadora teatral), escrevia nas páginas da *Vértice*:

Contudo, se muita coisa importante faltou ao espectáculo - faltou essencialmente essa linha interpretativa que só pode ser obra de uma profunda e compreensiva encenação, capaz de transcender o desenrolar da acção -, devemos felicitar os “Comediantes de Lisboa” por se terem lembrado de dar-nos ocasião de assistir à maravilhosa peça. [...] Enfim, se foi um espectáculo que não esteve à altura da peça, correspondeu a um enorme esforço muitíssimo digno de louvor. (PORTO 1947: 72, 74)

A renovação e a modernização do teatro português, permanentemente vigiado, continuaria por se cumprir. Depois deste espectáculo, só após quase dez anos, em 1956, se poderá assistir a um novo Ibsen: *João Gabriel Borkman* encenado por Costa Ferreira, para a Empresa Vasco Morgado, com João Villaret, integrado no cinquentenário do autor. O espectáculo é apresentado no Teatro Monumental, um “teatro de operetas e revistas faustosas ou de comédias” para um “público burguês, frívolo, oscilando entre a grande e

² Luiz Francisco Rebello, «Balanço de uma temporada», *Mundo Literário*, nº 19, 14-9-1946.

a média burguesia, público para quem o teatro era um derivativo do bridge ou do Mah-Jong, ou um lugar de exibição janota [...], público perfeitamente avesso à meditação profunda do aristocracismo existencial de Ibsen” (FERREIRA 1985: 365). Sendo um fracasso comercial, Redondo Júnior recebe-o como

um acontecimento transcendente, a demonstrar-nos que não tem sido inútil – apesar de, por vezes, muito amarga – esta luta que temos travado, na tentativa de conduzir a uma renovação estética formal do Teatro no nosso País, libertando-o da rotina, do erro, da ignorância. Mais do que isso: prova-nos que é possível contar com essa renovação. (REDONDO JÚNIOR 1958: 222, 223)

Tradutor de Craig e Appia, o crítico destaca entusiasticamente a plasticidade conseguida pelos cenários e figurinos de Pinto de Campos, onde encontra uma

quase total harmonia entre as concepções que defendemos, há muito, sobre encenação, e a transposição para o palco de um texto dramático, isto é, não se criou o *lugar geográfico*, o *lugar geométrico*, mas o *lugar dramático* autêntico, o que contém o espírito, a ideia, a substância psicológica do drama ibseniano. (*ibidem*: 222)

Em 1961, o Teatro Experimental do Porto, de António Pedro, estreia *Hedda Gabler*, em encenação de João Guedes. Carlos Porto aceitando a “necessidade histórica de representar o autor norueguês”, e reconhecendo que não é tarefa “inútil nem inconsequente”, apresenta as suas dúvidas quanto ao interesse que uma plateia portuguesa pode dedicar a um espectáculo deste autor: “[t]alvez, na verdade, o conjunto de ideias que Ibsen tem para apresentar-nos não tenha já muito a ver com as nossas próprias ideologias” (PORTO 1973: 77,78). Onze anos depois, Amélia Rey Colaço apresenta a sua *Hedda Gabler*, no Teatro da Trindade, respondendo mais ao desejo de ver Mariana Rey Colaço interpretar Hedda - que tinha “a figura, o temperamento, a raça perfeitamente indicados para conseguir um brilhante desempenho” (programa do espectáculo) - e de encenar o autor norueguês do que atender às exigências (tradicionalmente não muito elevadas) do público.

1972 é também o ano de *Um inimigo do povo* (já interpretado por Alves da Cunha em 1925), em adaptação e encenação de Luís de Sttau Monteiro, no Teatro do Capitólio. *Espectros*, apresentado na Voz do Operário pela mão do Mestre Araújo Pereira - “o primeiro português a encarar a encenação como hoje a vemos” (PAULO 1960: 938) - vai ser também o primeiro Ibsen do pós 25 de Abril de 1974, em espectáculo dos amadores do Grupo de Teatro A.

Depois da Revolução procuram-se novos autores, sobretudo os interditos até então. Ainda que essa busca desemboque em novos textos e novas estéticas, será alimentada pelo mesmo ímpeto de renovação que a dramaturgia de Ibsen desencadeou. Será ainda curioso notar como encontramos o autor norueguês no repertório de vários grupos da descentralização teatral, um dos mais visíveis frutos da Revolução: em Évora (*Solness, o construtor*, 1987, e *O inimigo do povo*, 2006); em Braga (*A dama do mar*, 1991, e *Espectros*, 2002); em Cascais (*Espectros*, 1992); e em Viana do Castelo (*O inimigo do povo*, 1997).

Das produções mais recentes será justo recordar o épico *Peer Gynt*, encenado por João Lourenço na inauguração do novo Teatro Aberto, um espectáculo que revelava as potencialidades técnicas de um novo espaço teatral e um actor em estado de maturação fascinante – João Pedro Vaz. Em cento e onze anos de presença de Ibsen nos palcos

portugueses (1895-2006), cerca de quarenta produções não é de facto muito. Contudo, a matemática não explica tudo. O teatro de Ibsen vê-se quase sempre associado às efémeras tentativas de modernizar e actualizar o teatro português que por cá se vão fazendo. E isso, indício seguro do fascínio que sempre exerceu entre nós, dificilmente poderá ser contabilizado.

Referências bibliográficas

- Ernesto da Silva (1902), *Theatro Livre & Arte Social* (conferência realizada no Atheneu Commercial aos 14 de Dezembro de 1902), Lisboa, Typographia do Commercio.
- João Cid (1918), “A casa de boneca” in *Lucinda Simões na festa do seu cinquentenário artístico*, Lisboa, p.3-4.
- António Pinheiro (1929), *Contos largos... (impressões da vida de teatro) – 1900-1925*, Lisboa, Tip. Costa Sanches / Sucessores Galhardo & Costa, Ltd.
- Manuela Porto (1947), “Uma casa de boneca: drama de Henrique Ibsen, pelos Comediantes de Lisboa”, *Vértice*, nº46, Maio, 72-74.
- Redondo Júnior (1958), “Drama ibseniano” in *Encontros com o teatro*, Lisboa, Editorial Século, 222-228.
- Rogério Paulo (1960), “Resenha de teatro em Portugal das origens aos nossos dias - apêndice III” in BOIADZHIEV, G. N. et al., *História do Teatro Europeu (Desde a Idade Média e até aos nossos dias)*, vol I., Lisboa, Prelo.
- Carlos Porto (1973), “Hedda Gabler”, in *Em busca do teatro perdido*, volume 1, Lisboa, Plátano.
- Costa Ferreira (1985), *Uma casa com janelas para dentro (memórias)*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda / Sociedade Portuguesa de Autores.

Henrik Ibsen em Portugal (1895-2006): contributos para uma cronologia³

1895

Os espectros. Prod. Companhia de Ermete Novelli [Itália].

1898

Hedda Gabler. Trad. Luigi Capuana. Prod. Companhia de Eleonora Duse [Itália].

Os espectros. Prod. Compagnia Ermette Novelli [Itália].

1899

A casa da boneca. Trad. Cristiano de Sousa. Ens. Lucinda Simões. Prod. Companhia Lucinda Simões.

1900

O pato bravo. Trad. Sousa Monteiro. Ens. Ferreira da Silva. Prod. Sociedade Artística do Teatro Nacional D. Maria II.

O inimigo do povo. Trad. Luís Galhardo. Com Luciano de Castro.

1901

Os espectros. Prod. Companhia de Ermete Zacconi [Itália].

1925

Le canard sauvage. Trad. Conde Prozor. Dir. Jean Hervé. Prod. Companhia de Jean Hervé [França].

Inimigo do povo. Com Alves da Cunha.

1928

[leitura encenada] *A cavalgada do bode*. Trad. Júlio Dantas; *O pequeno Eyolf*. Trad. Vitoriano Braga; *Casa de boneca*. Trad. Mário D'Almeida. Prod. Conservatório Nacional de Teatro.

1933

Os espectros. Trad. Emília de Araújo Pereira. Enc. Araújo Pereira. Prod. Curso Nocturno do Conservatório Nacional.

1947

Uma casa de boneca. Enc. Francisco Ribeiro. Prod. Os Comediantes de Lisboa.

1956

João Gabriel Borkman. Trad. Costa Ferreira e Luiz Francisco Rebello. Enc. Costa Ferreira. Prod. Empresa Vasco Morgado.

1961

³ Para mais informações sobre cada um dos espectáculos aqui referidos consulte-se a CETbase, base de dados sobre a história do teatro em Portugal do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa, em <http://www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm>.

Hedda Gabler. Trad. Correia Alves. Enc. João Guedes. Prod. Teatro Experimental do Porto (TEP).

1968

João Gabriel Borkman. Trad. Costa Ferreira e Luiz Francisco Rebello. Enc. Graciano Simões. Prod. Teatro Ensaio do Barreiro (TEB).

1972

Um inimigo do povo. Adap. e enc. Luís de Sttau Monteiro. Prod. Vasco Morgado.
Hedda Gabler. Trad. Correia Alves. Enc. Amélia Rey Colaço. Prod. Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

1975

Os espectros. Prod. Grupo de Teatro A.

1986

Hedda Gabler. Trad. Artur Ramos e Helena Ramos. Enc. Carlos Quevedo. Prod. Companhia de Teatro de Lisboa.

1987

Solness, o construtor. Trad. Christine Zurbach. Enc. Luís Varela. Prod. Centro Cultural de Évora.

1990

Casa de boneca. Trad. Emília de Araújo Pereira. Revisão de A. Reis Machado. Enc. Mário Feliciano. Prod. Teatro da Politécnica.

1991

A dama do mar. Trad. Mafalda Leite Castro. Enc. Rui Madeira. Prod. Companhia de Teatro de Braga (CTB).

1992

Espectros. Trad. Mário Delgado. Enc. Carlos Avilez. Prod. Teatro Experimental de Cascais (TEC).

1993

O construtor. Trad. Elisa Lisboa. Enc. Graça Corrêa. Prod. Grupo Teatro Hoje.

1995

Peer Gynt. Trad. Conceição Alves Costa. Enc. Antonino Solmer. Prod. Alunos Finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC).

1997

O inimigo do povo. Trad. Alexandra Moreira da Silva e José Martins. Enc. Xúlio Lago. Prod. Teatro do Noroeste - Centro Dramático de Viana.

JDX - Um inimigo do povo. Espectáculo de Jolente de Keersmaecker, Mieke Verdim, Frank Vercruyssen, Damiaan De Schirijver, Sara de Roo, Thomas Walgrave. Prod. TG Stan [Bélgica].

1998

João Gabriel Borkman. Trad. Costa Ferreira e Luiz Francisco Rebello. Enc. Armando Caldas. Prod. Intervalo Grupo de Teatro.

Hedda Gabler. Trad. Gustavo Rubim. Enc. Juvenal Garcês. Prod. Companhia Teatral do Chiado.

1999

Casa da boneca. Enc. Pedro Wilson. Prod. Sin-Cera.

2000

A dama do mar. Trad. Vidal de Oliveira. Enc. Pedro Wilson. Prod. Cénico de Direito.

2001

5! [a partir de textos de Molière, Beckett, Tennessee Williams, Eurípides e Ibsen]. Enc. Amadeu Neves. Prod. Teatro das Ciências - Grupo da Associação de Estudantes da F.C.U.L.

2002

Peer Gynt. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Enc. João Lourenço. Prod. Novo Grupo/ Teatro Aberto.

Uma casa de bonecas. Enc. Jon Kvall Pedersen. Prod. Lisbon Players.

Spectros. Trad. Manuel Guede Oliva. Enc. Rui Madeira. Prod. CTB - Companhia de Teatro de Braga.

2004

A casa da boneca. Trad. Maria João da Rocha Afonso. Enc. Juvenal Garcês. Prod. Companhia Teatral do Chiado.

O inimigo. Trad. e enc. Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Prod. Visões Úteis.

2006

Peer Gynt. Enc. António Mercado. Prod. Escola Superior de Educação de Coimbra.

A história de um mentiroso. Texto, enc. e prod. João Garcia Miguel.

Um inimigo do povo. Enc. António Mercado. Prod. CENDREV - Centro Dramático de Évora.